

SETE BALAS PARA SELMA / 1967

Um filme de António de Macedo

Realização, Argumento, Diálogos, Planif/Seq, Montagem e Sonoplastia/Mist: António de Macedo. **Assistente de Realização:** David Quintans. **Fotografia:** Acácio de Almeida. **Assistente de Imagem:** Pedro Efe. **Efeitos Especiais:** David Quintans (cena), Maria Teresa Ferreira (laboratório). **Eng. Som:** Hugo Ribeiro. **Assistente de Som:** José de Carvalho, João Diogo. **Ruídos de Cena:** Luís de Castro. **Música:** Quinteto Académico. **Letra Canções:** Alexandre O'Neill. **Canções por:** Florbela Queiroz. **Assistente de Montagem e Anotação:** António Damião. **Iluminação:** Júlio Sequeira, Vasco Sequeira, José Pratas. **Quadros:** Mário Silva. **Cenários:** Jaime dos Santos Cunha e Amadeu Mota (construções). **Aparelhagem especial:** Ernesto Salgado. **Vestuário:** Boutique Maria Teresa, Maria da Conceição (costureira). **Caracterização:** Manuel Fernandes. **Fotografo de Cena:** Abreu Morais (não creditado). **Coreografia:** Jaime Santos/Jaimery (lutas). **Assistente Estagiária:** Gisela da Conceição. **Animação e Genérico:** Telecine-Moro. **Exteriores:** Lisboa, Sesimbra, Alcoitão, Estoril, Sintra. **Intérpretes/Personagens:** Florbela Queiroz (Selma/Sónia), Sinde Filipe (Sérgio), Tomaz de Macedo (Gregor), Osvaldo Medeiros (Baltazar), Lia Gama (Lina), Fernanda Esmeralda (Octávia), Serge Farkas (Sádico), Baptista Fernandes (Rui Forte), Mário Jacques (Raul), Santos Manuel (André), Zita Duarte (Enfermeira), Manuela Bonito (Marta), Rui de Matos, Grece de Castro, Matos Ideias, Conceição Cristina, António Monteiro, José Vicente, Raul Caria, Ernesto Salgado, Jaime Santos/Jaimery (não creditado).

Produção: Imperial Filmes. **Produção Executiva:** Fernando Fernandes. **Assistente de Produção:** Jorge Gaspar, Alfredo Caldeira, J. A. Azevedo (estagiário). **Orçamento Divulgado:** 2.000 contos. **Exteriores:** Lisboa, Sesimbra, Alcoitão, Estoril, Sintra. **Data Rodagem:** Jan 1967. **Laboratório de Imagem:** Ulyssea Filme. **Montagem negativo:** Maria José Martins. **Registo de Som:** Estúdios Valentim de Carvalho. **Distribuição:** Imperial Filmes. **Estreia:** Eden, Alvalade, a 3 de Novembro de 1967. **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, colorida, 108 minutos.

Nota: por sugestão de António de Macedo, nesta cópia, recentemente tirada no laboratório do Arquivo da Cinemateca, constam dois finais. O primeiro, montado na sequência da narrativa, corresponde ao final pretendido, à época, pelo cineasta; o segundo, montado a seguir a uma legenda explicativa, corresponde ao final que o produtor exigiu, e que foi o final visto na versão de estreia comercial de **Sete Balas Para Selma**. Ao longo dos anos, Macedo acalentou o desejo de um dia poder fazer um "director's cut", que restituísse ao filme a sequência final tal como ele a tinha pensado. Aqui está, portanto, essa "versão do realizador".

Segunda longa-metragem de ficção de António de Macedo, **Sete Balas para Selma** representou, de um modo relativamente evidente, uma guinada em relação ao caminho aberto por **Domingo à Tarde**, ou pelo menos – e no contexto da época – uma torção nas expectativas que esse primeiro filme criara quanto a uma segunda obra. Na entrevista retrospectiva que integra o Catálogo *O Cinema de António de Macedo*, Macedo refere as razões desta "guinada", resultante da anuência do cineasta a uma sugestão de António da Cunha Telles, que produzira **Domingo à Tarde** e, num primeiro momento, animou o projecto de **Sete Balas**. Macedo tinha dois argumentos escritos,

ambos originais: o de **Sete Balas para Selma** e um outro, chamado **O Regresso**. Conta ele: “o Cunha Telles leu o guião [de **O Regresso**] e disse ‘isto faz lembrar o **Domingo à Tarde**, vamos antes fazer uma coisa mais divertida”. Avançaram assim para o muito mais mirabolante argumento do filme que vamos ver, uma mistura de policial, ficção científica e... cançonetismo (diz ainda Macedo, na entrevista, que no espírito de Cunha Telles estaria o sucesso das comédias com a dupla António Calvário/Madalena Iglésias).

Mas “o Cunha Telles entretanto faliu e o [Fernando] Fernandes [da distribuidora Imperial Filmes, que tinha investido no projecto] passou a ser também o produtor”. Que não conseguiu resolver totalmente os problemas de financiamento: “infelizmente o filme teve que ser todo mudado, aqueles cenários que eu queria, e era o próprio Fernandes que me ia buscar no final de cada dia de filmagens para ir a correr procurar locais para filmar no dia seguinte. Absolutamente infernal! E foi assim que se fez as **Sete Balas...**”. Vale a pena dizer a talhe de foice que, encontrado por este método ou não, há pelo menos um belo décor natural no filme: aquele baldio da margem sul, a picar sobre o Tejo, a Lisboa ribeirinha e a Ponte então chamada Salazar, onde decorre uma longa cena de acção e tiroteio.

Acção e tiroteio, complots de espionagem internacional, toques de ficção científica (que não deixam, estes, de antecipar futuros momentos da obra de Macedo, em particular um filme como **Os Emissários de Khalom**, realizado vinte anos mais tarde). Não era isto, uma espécie de “007 *Balas Para Selma*”, que se esperava, num contexto de Cinema Novo, de um cineasta dessa geração e com essa conotação. O filme, com a sua ambição de trabalhar formas e temas associados ao imaginário de um cinema espectacular e popular, provocou algum choque e gerou reacções de uma certa violência, nomeadamente uma crítica de João César Monteiro, publicada em *O Tempo e o Modo*, em que o filme era acusado de estar “vendido ao regime”, subentendo-se que o “regime” não era tanto, ou não era apenas, o regime político, mas sobretudo um regime cinematográfico.

Visto de hoje, fatalmente, **Sete Balas para Selma** parece um objecto muito mais inocente do que as descrições e ilações tiradas “em contexto” podem sugerir. Uma forma de “inocência” era, de resto, algo que Macedo procurava; e se não desmentiu quem falava de uma “inspiração James Bond” o seu modelo era outro, o dos “serials”, o “*das fitas que me encantaram na minha infância e juventude – era o Flash Gordon, era o fantasma não sei de quê... eram esses modelos de fitas de peripécias*”. Esta inspiração parece razoavelmente nítida: o filme abunda em vilões unidimensionais, criaturas de papelão e BD (o par de sádicos torturadores, por exemplo), e concebe várias sequências com aquela lógica de “cliffhanger” (como é que os heróis, deixados em suspenso numa situação sem resolução à vista, se vão safar?) que era típica dos “serials”. Também é nítido que Macedo não teve os meios que queria, e que certas partes do filme sofrem com isso – as maquiagens e geringonças da vertente “fc”, sobretudo – sem que se tire o melhor partido da implausibilidade, e sem que se cruze definitivamente a linha que separa o “primeiro grau” da “paródia”. Os interlúdios musicais com Florbela Queiroz (filmada, noutros momentos, num doce e suave “exploitation” à base de bikinis e/ou roupa interior) funcionam melhor: são tão metidos a martelo, tão desprovidos de necessidade, que ganham um sentido justamente por isso. No todo, **Sete Balas para Selma** é uma brincadeira, algo inconsequente, ferida por problemas de produção, onde Macedo tentou, porventura pela única vez na sua carreira, ensaiar o puro *divertimento* e, para usar uma palavra que lhe é cara, *experimental*. Experimentar o quê? Para além de questões de géneros cinematográficos e narrativos, **Sete Balas para Selma** parece, visto com alguma atenção, um “playground” para experiências com a montagem (não contámos, mas o filme tem certamente muito mais planos do que a maioria dos filmes portugueses, incluindo na conta a maioria dos que se pretendem “rápidos”) e, em particular, com um procedimento técnico a que, na altura, poucos cineastas tinham conseguido um sentido pleno: o *zoom*. Na tal sequência que citámos, o tiroteio perto da Ponte, sequência bastante extensa até, este bricabraque com a montagem e com o *zoom* torna-se perfeitamente evidente como verdadeiro motor de toda a sequência, e sua primeira razão de ser.